



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8662105

## O conceito de dialética em Lukács (István Mészáros)

*Valdirene Pereira Costa<sup>1</sup>*

Gyorgy Lukács (1885-1971) nasceu no sul da Hungria, filósofo e historiador literário húngaro teve seus primeiros artigos publicados, entre 1902 e 1903, no *Magyar Szalon* e foram escritos sobre teatro. Mais tarde publicou outras obras, entre elas seu livro mais influente: *História e Consciência de Classe* (1923 – em Berlim); *Meu caminho para Marx* (1933 – na Alemanha); entre 1935 e 1938, conclui *O Jovem Hegel*, submeteu-o como tese de doutorado e recebe o título de Doutor em Ciências Filosóficas pela Academia Soviética de Ciências; em 1952 terminou uma análise monumental de 150 anos do desenvolvimento filosófico alemão em relação à dialética e ao irracionalismo; *As aventuras da dialética* (1955 – na França), obra que coloca *História e Consciência de Classe* no centro do debate filosófico e causa um grande impacto no desenvolvimento filosófico posterior, inclusive em *Crítica da razão dialética de Sartre*; em 1963, depois de terminar a *Estética*, começa a escrever *Ontologia do Ser social* com grande entusiasmo, mas interrompe seu trabalho devido a morte da esposa. Entre 1964 e 1968 volta a trabalhar em *Ontologia do Ser Social*, mas nunca ficou satisfeito com o resultado. Em 1969 recebe o título de doutor *honoris causa* na Universidade de Zagreb e no final desse ano inicia a escrita de *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. Em 1970 recebe o título de doutor *honoris causa* na Universidade de Ghent e também recebe o prêmio Goethe, da cidade de Frankfurt am Main. Em 1971 morre em Budapeste devido a um câncer em fase terminal. Alguns anos depois é

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (1998), Especialização em Psicopedagogia (2002) pela mesma Instituição, é Mestre em Educação pela FE/UNICAMP - área Filosofia, História e Educação (2007) e Doutoranda em Educação pela mesma instituição. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e História da Educação PAIDEIA (UNICAMP).

enterrado no cemitério de Kerepesi, em um local reservado para as grandes figuras do movimento socialista.

A obra foi escrita, originalmente, entre 1967 e 1968, por István Mészáros (1930-2017), filósofo húngaro, Professor emérito da Universidade de Sussex, na Inglaterra, na qual ensinou Filosofia por muitos anos. Também ministrou aulas de Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de York. É considerado um importante intelectual marxista da atualidade.

Mészáros foi um profundo conhecedor da obra de Lukács e, especificamente, nessa obra ele faz uma exposição crítica do pensamento de Lukács e tematiza a questão da dialética. O livro foi organizado em sete tópicos, sendo eles: “Introdução”, “Desenvolvimento Inicial”, “Mudança de perspectiva”, “‘Dever-ser’ e objetividade”, “Continuidade e descontinuidade”, “Totalidade e mediação” e “Conclusão”. Por fim, o autor anexa à obra dois apêndices (*A verdade de uma lenda; Gyorgy Lukács: a filosofia do “tertium datur” e do diálogo coexistencial*), além de uma cronologia resumida de Lukács e uma biografia do mesmo.

Na obra o autor consegue reforçar a ideia de que o desenvolvimento do pensamento de Lukács ocorre a partir dos acontecimentos históricos-sociais em que vive e é por isso que no início, quando jovem, seus escritos são caracterizados como idealistas e, mais tarde, com seu amadurecimento intelectual, se tornam mais materialistas. Inclusive foi esse mesmo processo histórico-social que acarretou em penalizações a sua dialética. José Paulo Netto escreve o texto de Apresentação do livro e diz o seguinte: “à concepção de dialética e de totalidade de Lukács sempre faltaram [...] suportes históricos (sócio-materiais) para que a categoria de mediação fosse plenamente saturada de concreção, o que vulnerabilizou [...] a própria categoria de totalidade concreta” (p. 21).

O primeiro tópico, “Introdução”, traz consigo a ideia de que a dialética sempre esteve presente no pensamento de Lukács e esclarece que “os problemas da dialética ocupam um lugar central no pensamento de Lukács” (p. 29), porém, Mészáros considera difícil fazer um relatório das

ideias de Lukács sobre os vários aspectos da dialética pelo fato de sua obra ser resultado de “sete décadas de atividade febril”.

O segundo tópico, “Desenvolvimento Inicial”, Mészáros mostra que no pensamento de Lukács houve uma “conversão do ‘idealismo’ para o ‘materialismo’” [...] e suas obras pós-idealistas “revelam, na abordagem de todos os grandes problemas, a mesma estrutura de pensamento, embora ele tenha genuinamente deixado para trás seus posicionamentos idealistas originais” (p. 34) e torna-se importante entender nesse contexto “o que separa o **filósofo importante** do **eclético inteligente** é a irrelevância histórica da síntese puramente acadêmica do segundo, quando comparada à máxima importância prática do primeiro” (p.35, *grifo nosso*). Viu-se que as perspectivas de Lukács mudaram no decorrer dos anos de 1917 e 1918 e, “nesse ponto, o estilo antigo teve de dar lugar ao estilo objetivo, prosaico e prático de uma espécie peculiar do raciocínio econômico-filosófico e político-histórico” (p. 37).

O terceiro tópico, “Mudança de Perspectiva”, entende-se que o interesse pelo “dever-ser” e a enunciação de alternativas dramáticas não foram abandonados por Lukács, mas sua identificação com o marxismo trouxe uma configuração qualitativamente nova sobre essa questão.

O quarto tópico, “Dever-ser e objetividade”, esclarece que o conceito de “*Sollen*” (dever-ser) em Lukács é complexo e que “o traço dominante de suas formulações é um ‘desejo de objetividade’ e, de acordo com este, uma polêmica explícita e interminável contra o dever-ser” (p. 45). Lukács tem consciência da problemática que envolve o culto da objetividade e “é por isso que sua atitude tem de permanecer um ‘*desejo de objetividade*’ e jamais uma identificação pessoal não problemática com ela – seja sob o rótulo de categoria de ‘vida’ ou das categorias de ‘realidade econômica’, ‘forças produtivas’, ‘classe’, ‘história’ etc.” (idem). Viu-se que o “desejo de objetividade” em Lukács é sempre uma luta contra a “má-objetividade” (p.46).

O quinto tópico, “Continuidade e descontinuidade”, mostra a lógica interna do desenvolvimento de Lukács e de seu pensamento. Mészáros

mostra que os primeiros ensaios são carregados de subjetividade e fragmentações sob muitos aspectos, mas essa “forma ensaística” serve como pilar para uma construção intelectual. A obra *A teoria do romance*, quando ainda inacabada, intensificou sua consciência e tornou-se uma força material concreta para gerar expectativas numa “nova época mundial” (intensificação de eventos como, por exemplo, Revolução de Outubro; colapso militar da monarquia austro-húngara; erupção de uma crise socioeconômica e política geral). Nesse novo contexto social e político surge um “monumento acertadamente famoso” que é a obra “*História e consciência de classe*”, uma obra que surge como uma “tentativa marxista profundamente original e amplamente bem-sucedida de suplantar Hegel, suscita uma série de problemas institucionais e organizacionais concretos, intimamente relacionados a problemas filosóficos mais gerais” (p. 53). A partir do momento que se reconhece o poder mediador de uma instituição historicamente concreta, eis aí um passo significativo para além da posição anterior. Na década de 1920 a vida de Lukács fica dividida entre tarefas políticas (posição complicada, sofre ataques, derrotas) e estudos filosóficos (prosegue às investigações que foram abandonadas em *História e consciência de classe*), que retratam uma crescente assimilação da economia política. Mézaros destaca que Lukács, mesmo depois dos setenta anos, encontra força moral e capacidade intelectual para os desafios de um “novo começo” e afirma que “outra obra importante que consiste em uma análise e uma síntese minuciosas é a *Ontologia do ser social*” (p. 55).

O sexto tópico, “Totalidade e Mediação”, apresenta esses dois conceitos – “Totalidade” e “Mediação”, como categorias centrais da dialética de Lukács. O autor aponta que são intimamente interligados e foi na obra “*História e consciência de classe* que Lukács conseguiu, pela primeira vez, levantar a questão da “totalidade concreta” no mais alto nível de generalização” (p. 57). Quanto ao conceito de “mediação”, percebe-se que foi abordado repetidas vezes no desenvolvimento de Lukács e foi difícil buscar a compreensão da complexidade desse conceito em um mundo dominado por perspectivas perigosamente estreitas. Para Mézaros, “os

limites das realizações filosóficas de Lukács são estabelecidos por sua própria concepção de mediação ou, para ser mais preciso, pelos defeitos dessa concepção: pela intrusão injustificável da “imediatez” em sua visão geral de mundo” (p. 64). É por isso que, no fim, “a discrepância entre ‘ser’ e ‘dever-ser’ não é superada”, pois a força mediadora postulada filosoficamente, para se tornar realidade, precisaria de instrumentos e forças mediadoras eficazes e efetivas (p. 67).

No último tópico, “Conclusão”, Mészáros, com toda cautela, questiona os elementos de dualismo em sua ontologia social (filosofia e política, teoria e prática). Essa dualidade não resolvida acompanha todo o desenvolvimento de Lukács. “Se hoje relutamos em aceitar alguns princípios básicos de sua ontologia social, não é por uma questão conceitual, mas porque sentimos sua inadequação com respeito à possibilidade de respostas aos nossos problemas práticos” (p.71).

Trata-se de uma obra que possui uma estrutura clara e didática, porém, profunda. Mészáros faz **críticas com competência** às realizações filosóficas de Lukács e, ao mesmo tempo, faz uma **defesa árdua** ao desenvolvimento do seu pensamento.

Enquanto crítica o autor discorre sobre a incapacidade de Lukács, quando jovem, de resolver conceitualmente os problemas complexos, o que resulta em obras com marcas de situações mal resolvidas, ou seja, escritos que tem mais uma aparência de rascunhos do que uma síntese consumada. Mészáros torna claro que Lukács tinha consciência das lacunas não resolvidas e as tentativas de sínteses resultavam em expectativas muito prematuras quanto a uma possível solução. É nesse contexto que se percebe as limitações pessoais de Lukács, uma vez que a tarefa teórica é vista como um desafio de grande importância prática. O autor apresenta a revelação de camadas heterogêneas do desenvolvimento do pensamento de Lukács e aponta uma crise pessoal contra o pano de fundo de uma crise histórica objetiva.

Enquanto defesa ao desenvolvimento do pensamento de Lukács, Mészáros busca justificar que sua concepção foi profundamente afetada por

sua situação histórica como crítico, político ou filósofo e nos faz refletir sobre a necessidade de explicar seus limites nos termos da vida do filósofo e de suas interações com o sistema de suas ideias. O autor aponta que a importância de Lukács consiste na capacidade de explorar o campo objetivamente dado de ação até seus limites extremos, criando assim uma obra que não é comparável com absolutamente nenhum empreendimento produzido no mundo soviético. Ademais, com isso o mesmo “*Sollen*” que restringiu os limites de suas realizações provou ser seu maior trunfo, pois ele nunca aceitou o imediatamente dado em sua imediatez crua, isto é, em nenhum momento ele abandonou as perspectivas finais do socialismo.

À guisa de considerações finais ressaltamos que o conteúdo discutido nesse livro reconhece em plenitude a filosofia lukacsiana e destaca sua atualidade crítico-dialética e interpretativa para a compreensão das condições objetivas de nosso tempo e das atuais expressões de desenvolvimento do metabolismo do capital e de seus processos.

#### Referência

MÉSZAROS, István. *O conceito de dialética em Lukács*. São Paulo: Boitempo, 2013.

*Submetido em: 16/11/2020*

*Aceito em: 15/01/2021*

*Publicado em: 02/02/2021*